

Lula e Bolsonaro no Google Trends: jornalismo político, atenção digital e disputa pública no Brasil, 2004-2026

Lula and Bolsonaro on Google Trends: political journalism, digital attention and public dispute in Brazil, 2004-2026

Thiago Perez Bernardes de Moraes¹

Resumo

O artigo analisa o interesse digital brasileiro por Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro no Google Trends, entre 2004 e 2026, como rastro agregado de saliência pública em ecossistemas informativos, sem convertê-lo em voto, aprovação ou rejeição. A pesquisa articula série comparativa direta, séries separadas por liderança, consultas relacionadas *Top* e *Rising*, taxonomização semântica e análise espacial por unidade federativa. Os resultados indicam uma atenção lulista de longa duração, reativada por governo, legado, campanha e judicialização, e uma atenção bolsonarista mais tardia, abrupta e comunicacional, vinculada a crise institucional, guerra cultural e performance digital. Os líderes personalizados operam como interfaces entre acontecimento jornalístico, memória pública e conflito democrático.

Palavras-chave: Jornalismo político. *Google Trends*. Atenção digital.

Abstract

This article analyzes Brazilian digital interest in Luiz Inácio Lula da Silva and Jair Bolsonaro on Google Trends, from 2004 to 2026, as an aggregate trace of public salience in information ecosystems, without treating it as vote, approval or rejection. The research combines a direct comparative series, separate leader-level series, *Top* and *Rising* related queries, semantic taxonomization and spatial analysis by federative unit. The findings show a long-lasting Lula-centered attention, reactivated by government, legacy, campaign and judicialization, and a later, abrupt and communicational Bolsonaro-centered attention, linked to institutional crisis, culture war and digital performance. The personalized leaders operate as interfaces between journalistic events, public memory and democratic conflict.

Keywords: Political journalism. *Google Trends*. Digital attention.

¹ Graduado em Ciência Política. Doutor e pós-doutor em Psicologia Social pela Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy. Pós-doutor em Direito Constitucional pela Università degli Studi di Messina. Professor Titular do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: thiago.moraes@uniandrade.edu.br.

Introdução

A política brasileira recente passou a ser lida, disputada e arquivada em torno de nomes próprios que condensam mais do que trajetórias individuais. Lula e Bolsonaro funcionam como atalhos de interpretação pública: acionam lembranças de governo, escândalos, promessas de ordem, acusações judiciais, afetos partidários, moralidades familiares, repertórios jornalísticos e modos distintos de imaginar a democracia. O *Google* não registra a totalidade desse processo, nem permite inferir adesão, rejeição ou voto. Registra uma ação informacional mínima, mas significativa: o instante em que um nome se torna suficientemente saliente para ser procurado. A pergunta do artigo é: em que medida o comportamento agregado de busca por Lula e Bolsonaro, entre janeiro de 2004 e maio de 2026, revela regimes de atenção digital que contribuem para compreender a circulação pública de acontecimentos políticos no contexto do jornalismo contemporâneo?

O problema pertence ao campo do jornalismo porque a visibilidade política contemporânea não se esgota na redação, no produto noticioso ou na rotina profissional. A notícia ainda organiza agendas, enquadra conflitos e distribui legitimidade, mas circula em ambiente no qual buscadores, redes sociais, canais privados, vídeos curtos, transmissões ao vivo, aplicativos de mensagem e atores políticos profissionalizados disputam a passagem entre acontecimento e atenção. Pontes (2024), ao examinar a epistemologia do jornalismo em perspectiva bibliométrica, ajuda a situar a necessidade de objetos híbridos, capazes de aproximar produção noticiosa, circulação informacional e disputa social. O *Google Trends* entra nesse desenho como fonte indireta: não mostra a cobertura nem permite atribuir-lhe causalidade; registra uma possível resposta de procura que pode ser acionada por escândalos, entrevistas, decisões judiciais, campanhas, crises institucionais e outros acontecimentos que circulam no ecossistema informativo.

A contribuição do artigo está na formulação de regimes digitais de atenção política. O conceito designa padrões de saliência pública que combinam temporalidade, vocabulário de busca, espacialização e conflito. Sua utilidade depende de delimitação estrita: regime de atenção não é opinião pública, intenção de voto, sentimento individual ou efeito causal líquido da cobertura jornalística. É uma forma agregada de observar quando certos nomes organizam a curiosidade pública e com quais repertórios semânticos passam a ser procurados. Lula e Bolsonaro são comparáveis nessa superfície empírica, embora acionem histórias políticas e ecologias de sentido profundamente diferentes.

A hipótese sustenta que Lula apresenta maior profundidade temporal e maior capacidade de reativação memorial, enquanto Bolsonaro concentra uma emergência mais tardia, abrupta e comunicacionalmente acelerada a partir da segunda metade dos anos 2010. A simetria da comparação é apenas procedimental: os dois nomes foram submetidos aos mesmos instrumentos de coleta, normalização, classificação e leitura. A interpretação não presume equivalência normativa entre trajetórias, repertórios institucionais ou relações com a democracia. O artigo propõe uma camada analítica adicional para os estudos de jornalismo político: observar a vida pública posterior da notícia, quando acontecimentos narrados, disputados ou amplificados pelo ecossistema midiático reaparecem como buscas, consultas relacionadas, picos temporais e assimetrias territoriais.

Jornalismo, saliência pública e personalização política

A teoria do agendamento oferece a primeira porta de entrada, desde que não seja tratada como explicação suficiente. McCombs e Shaw (1972) mostraram que a mídia participa da hierarquização pública dos temas; Entman (1993) deslocou a discussão para a seleção e a saliência de certos aspectos da realidade. Em disputas políticas personalizadas, essas operações não circulam como abstrações. Elas se materializam em nomes, rostos, acusações, promessas, decisões judiciais e *slogans*. Cruz (2023), ao analisar a cobertura da Folha de S. Paulo sobre a condução coercitiva de Lula, mostra como a Lava Jato foi convertida em narrativa pública de suspeição e memória jornalística. Esse ponto ancora a leitura: buscas por Lula nos anos de judicialização não podem ser separadas do ecossistema que tornou o acontecimento legível e disputável.

A relação entre jornalismo e busca digital é indireta e, por vezes, opaca, embora substantivamente relevante. Uma busca pode ocorrer depois de uma reportagem, de uma mensagem recebida, de uma manchete, de um vídeo de campanha, de uma entrevista, de uma fala presidencial ou de uma acusação difundida em rede social. O buscador não inaugura a atenção pública. Ele captura, em escala agregada e sob regras proprietárias, uma ação situada em sistema midiático híbrido, no qual redações, plataformas, atores políticos e públicos conectados disputam velocidade, autoridade e enquadramento (Chadwick, 2017). Por isso, a busca é menos uma causa do debate público do que um sismógrafo imperfeito de sua reverberação.

A personalização política torna esse sismógrafo especialmente sensível. Weber (1999) indicou que a autoridade carismática concentra reconhecimento na pessoa do líder; Laclau (2013) pensou a liderança populista como condensação de demandas heterogêneas; Mudde e Kaltwasser (2017) delimitaram o populismo pela oposição moral entre povo e elite.

No Brasil, Singer (2012, 2018) interpreta o lulismo como arranjo de redistribuição, conciliação e pacto social, enquanto Almeida (2019) situa o bolsonarismo na convergência entre conservadorismo, evangelismo, crise política e moralização pública. Em ambiente plataformizado, essas formações circulam como etiquetas de busca, atalhos jornalísticos, memes, *hashtags*, inimigos morais e arquivos vivos de disputas anteriores.

A polarização afetiva acrescenta o mecanismo que liga pertencimento, atenção e antagonismo. Iyengar *et al.* (2019) e Mason (2018) mostram que identidades políticas se tornam mais intensas quando convertem divergência em antipatia social. No Brasil, petismo e antipetismo estruturam parte dessa gramática, embora não esgotem a heterogeneidade do campo político (Samuels; Zucco, 2018; Borges; Vidigal, 2018; Fuks; Marques, 2022).

A busca por Lula ou Bolsonaro pode expressar curiosidade, apoio, hostilidade, medo, dúvida, vigilância ou tentativa de checagem. Essa ambivalência é metodologicamente decisiva: o dado de busca só é defensável quando tratado como saliência pública, e não como sentimento político estabilizado.

O jornalismo aparece, então, como mediação em disputa. Oliveira (2021), ao discutir a #VazaJato como ciberacontecimento jornalístico, evidencia a tensão entre crise de autoridade e mediação qualificada em ambiente digital. Bronosky *et al.* (2025), ao proporem o monitoramento de estratégias desinformativas em debates eleitorais, reforçam a necessidade de instrumentos sensíveis à celeridade informacional e à disputa entre atores.

O deslocamento realizado aqui segue essa trilha, mas adota outro ponto de observação: o *Google Trends* é usado para capturar a camada em que notícia, boato, discurso de campanha, transmissão ao vivo, decisão judicial e controvérsia institucional se convertem em gesto de busca.

Google Trends como fonte documental e desenho metodológico

O estudo utiliza dados exportados do *Google Trends* para o Brasil, no recorte de janeiro de 2004 a maio de 2026. As lideranças foram coletadas como assuntos ou tópicos da plataforma, e não como termos literais, para reduzir a dependência de grafias específicas e capturar uma ecologia semântica mais ampla associada a cada figura. A decisão tem custo metodológico: os critérios de agregação temática do *Google* são proprietários e não inteiramente auditáveis. Por essa razão, os resultados são interpretados como índices relativos de interesse de busca, normalizados pela própria plataforma, sem pretensão de equivalência com volume absoluto, preferência eleitoral ou julgamento moral.

A literatura metodológica autoriza esse uso apenas sob cautela. Ripberger (2011) trata tendências de busca como medida parcial de atenção pública ativa; Mellon (2013) discute condições para aproximar *Google Trends* de saliência temática; Scharkow e Vogelgesang (2011) propõem consultas de busca como janela para aspectos da agenda pública; Rogers (2013) defende métodos digitais atentos aos objetos nativos das plataformas. Hölzl, Keusch e Sajons (2025) formulam a advertência mais recente: amostragem, instabilidade, opacidade e reprodutibilidade limitada tornam impróprio qualquer uso ingênuo da ferramenta. O artigo incorpora essa crítica ao recusar inferências individuais, eleitorais ou causais fortes.

A base empírica foi organizada em duas camadas. A primeira reúne séries separadas para Lula e Bolsonaro, com série completa mensal, séries anuais semanais, consultas relacionadas à *Top* e consultas relacionadas à *Rising*. Essa camada permite examinar a morfologia interna de cada liderança, seus picos próprios e sua ecologia semântica. A segunda camada reúne a comparação direta entre os assuntos Lula e Bolsonaro dentro da mesma janela de normalização do *Google Trends*, incluindo série temporal comparativa e distribuição por unidade federativa. A distinção impede um erro comum: comparar séries isoladas, cada uma normalizada pelo seu próprio máximo, como se elas compartilhassem a mesma escala.

A coleta resultou em 217 arquivos CSV processados. As séries comparativas completas cobrem 269 meses, de janeiro de 2004 a maio de 2026, com 2026 tratado como ano parcial. As consultas relacionadas geraram 4.520 registros *Top* e *Rising* e 1.601 termos únicos normalizados. A taxonomização semântica seguiu protocolo híbrido, de orientação dedutivo-indutiva, executado pelo autor em duas passagens sucessivas.

As categorias iniciais decorreram do problema de pesquisa e da literatura mobilizada sobre personalização, memória política, judicialização, polarização, guerra cultural, comunicação e crise institucional; suas fronteiras foram ajustadas após leitura exploratória dos termos únicos e exame de recorrências não previstas. O banco suplementar conserva o *codebook*, o dicionário de termos e o registro de auditoria das decisões classificatórias (Moraes, 2026).

A unidade de decisão foi o termo normalizado, examinado em conjunto com a liderança associada, os anos de ocorrência, a modalidade *Top* ou *Rising* e a frequência de reaparecimento. A regra principal consistiu em atribuir cada termo à categoria cujo núcleo substantivo fosse mais específico. Assim, referências a investigação, condenação, prisão, STF, TSE, Moro, Lava Jato ou corrupção prevaleceram sobre categorias genéricas de identificação; consultas como “hoje”, “agora” ou “últimas notícias” foram destinadas à metabusca jornalística apenas quando não continham outro núcleo temático; e a categoria de ruído semântico foi reservada a homônimas, fragmentos, termos truncados ou ocorrências sem associação defensável. Nos casos ambíguos, a decisão considerou o contexto temporal e político de circulação, sem inferir intenção, emoção ou posicionamento individual do usuário.

Na segunda passagem, os 4.520 registros foram confrontados com as regras do *codebook* e com um *log* de auditoria. Desse total, 3.172 registros tiveram a classificação confirmada e 1.348 foram reclassificados. A categoria de ruído semântico, que concentrava 1.097 registros na versão preliminar, foi reduzida a 264 após revisão contextual. A classificação final atribuiu confiança alta a 4.036 registros, média a 263 e baixa a 221; 1.783 ocorrências foram sinalizadas para inspeção adicional por sensibilidade substantiva, ambiguidade residual ou baixa confiança. Termos politicamente sensíveis, recorrentes ou capazes de migrar entre categorias receberam revisão técnico-editorial específica, documentada no arquivo suplementar.

A codificação e sua revisão foram realizadas por um único pesquisador. Por essa razão, não se estimou concordância inter-codificador por *kappa* de *Cohen*, alfa de *Krippendorff* ou medida equivalente, que pressuporia decisões independentes de dois ou mais codificadores. Em contrapartida, adotaram-se regras explícitas, dupla passagem, gradação de confiança, preservação integral dos termos e trilha de auditoria. Esses procedimentos ampliam a transparência e permitem reanálise, mas não substituem um teste de concordância independente; essa restrição integra os limites do estudo.

O *codebook* final foi organizado em treze categorias: identificação básica; campanha e competição eleitoral; governo e políticas públicas; memória e legado; justiça e moralização penal; polarização negativa; identificação positiva; religião, moralidade e guerra cultural; democracia, autoritarismo e instituições; comunicação política; família e círculo próximo; metabusca jornalística; e ruído semântico. Foram calculados índices anuais por categoria e índices compostos, incluindo memória política, campanha, judicialização, polarização afetiva, guerra cultural, crise institucional, comunicação pública digital e personalização ampliada. A divergência semântica entre as distribuições *Top* e *Rising*, assim como entre Lula e Bolsonaro, foi estimada por *Jensen-Shannon*, métrica simétrica adequada à comparação de distribuições discretas.

A interpretação trabalha com quatro travas de segurança. Picos de busca são lidos como compatíveis com choques político-midiáticos, não como prova de efeito direto do evento. Termos *Top* e *Rising* indicam ecologias semânticas de busca, não crenças individuais. A análise espacial por UF expressa proporção relativa entre os dois assuntos dentro de cada território, não volume absoluto, voto ou aprovação. A comparação entre lideranças preserva simetria metodológica, sem converter essa simetria em equivalência histórica. Essas travas são indispensáveis porque o maior risco do artigo seria transformar uma fonte útil, porém instável, em medida forte demais.

Quadro 1 - Camadas empíricas e função analítica dos bancos

Camada	Base	Unidade	Função analítica	Limite interpretativo
Séries separadas	Lula e Bolsonaro coletados isoladamente	Mês e semana	Morfologia própria de cada liderança, macrochoques, microchoques e consultas <i>Top/Rising</i>	Não permite comparar diretamente superioridade entre líderes
Série comparativa direta	Lula versus Bolsonaro no mesmo gráfico	Mês, semana e UF	Dominância proporcional, alternância, simetria, assimetria e distribuição espacial relativa	Não mede voto, aprovação ou rejeição
Consultas relacionadas	<i>Top</i> e <i>Rising</i> por liderança e janela	Termo-ano-liderança	Ecologia semântica da atenção digital e índices por categoria	Não revela motivação individual da busca

Taxonomização revisada	Codebook de treze categorias	Categoria-ano-liderança	Diferencia regimes de atenção por memória, justiça, governo, comunicação e crise institucional	Classificação interpretativa com auditoria técnico-editorial
------------------------	------------------------------	-------------------------	--	--

Fonte: Autor (2026)

A arquitetura empírica resumida no Quadro 1 favorece a coerência interna do desenho. As séries separadas descrevem a morfologia própria de cada liderança: seus picos, recorrências, microchoques semanais e consultas relacionadas. A série comparativa direta responde a outra pergunta, restrita à predominância proporcional entre os dois assuntos dentro da mesma normalização. A taxonomização, por sua vez, desloca a análise da intensidade para o vocabulário. Essa separação evita que o artigo confunda três operações diferentes: observar quando a atenção cresce, comparar quem domina a atenção relativa e interpretar de que matéria semântica essa atenção é feita.

Regimes temporais de atenção

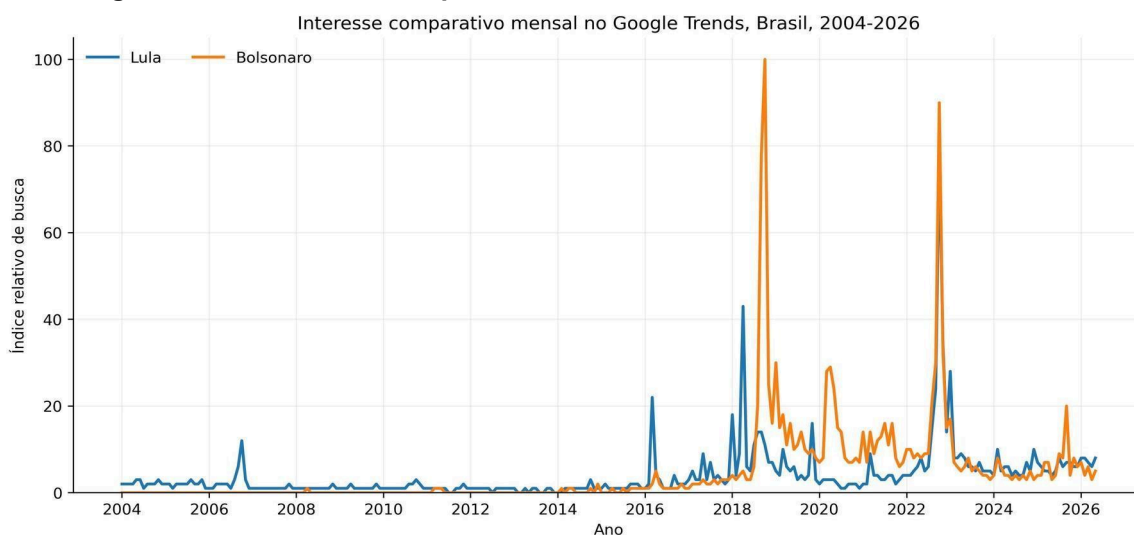
A série comparativa direta indica alternância historicamente concentrada. Em 269 meses observados, Lula aparece acima de Bolsonaro em 174, Bolsonaro acima de Lula em 63, com 32 empates. O dado não expressa supremacia política, pois muitos meses anteriores à emergência nacional de Bolsonaro pertencem a outro sistema de personalização. Ainda assim, o contraste é substantivo: Lula possui presença longitudinal; Bolsonaro concentra força em intervalo mais curto, turbulento e midiaticamente acelerado.

O maior valor comparativo de Bolsonaro ocorreu em outubro de 2018, com índice 100 contra 11 de Lula. Setembro de 2018 aparece como macrochoque anterior, com 78 contra 14. O maior valor de Lula ocorre em outubro de 2022, quando alcança 78, embora Bolsonaro permaneça à frente com 90. Abril de 2018, mês da prisão de Lula, produz o maior diferencial favorável ao petista, com 43 contra 5. A sequência sugere ruptura bolsonarista em 2018 e simetria conflitiva de alta intensidade em 2022.

A Figura 1 sintetiza a evidência temporal mais visível. Lula aparece como liderança de longa duração, reativada por governo, crise, judicialização e retorno. Bolsonaro entra de modo residual durante boa parte dos anos 2000 e se torna polo de atenção abrupta a partir da crise política dos anos 2010, com a explosão em 2018.

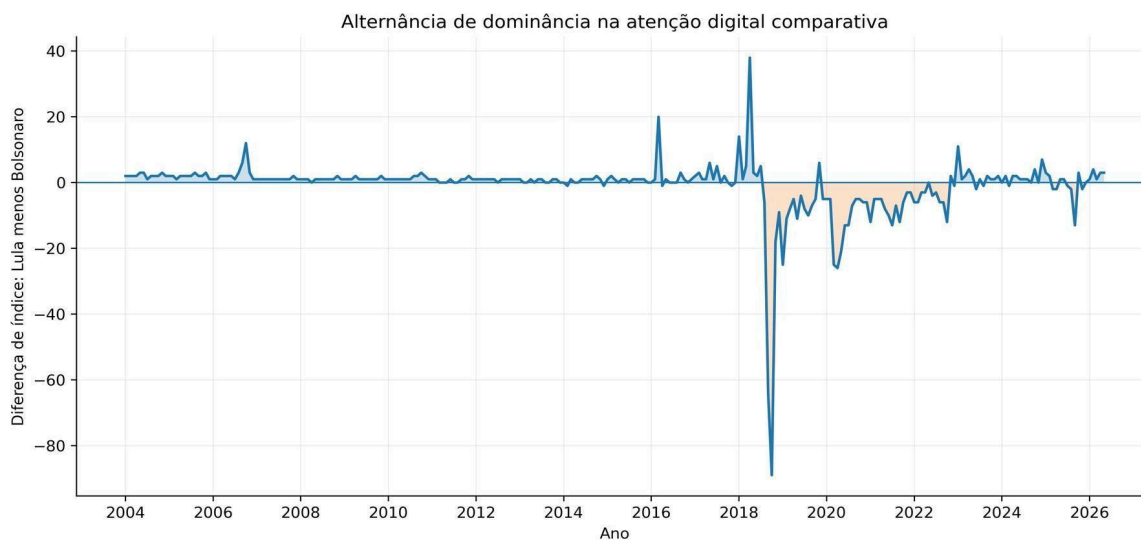
A diferença interessa ao jornalismo porque os picos não são apenas eventos eleitorais. São momentos em que nomes próprios passam a funcionar como chaves de leitura para acontecimentos noticiados, disputados e remediados em plataformas.

Figura 1 - Série mensal comparativa Lula versus Bolsonaro, Brasil, 2004-2026



Fonte: Autor (2026)

Figura 2 - Diferença mensal Lula menos Bolsonaro na série comparativa direta

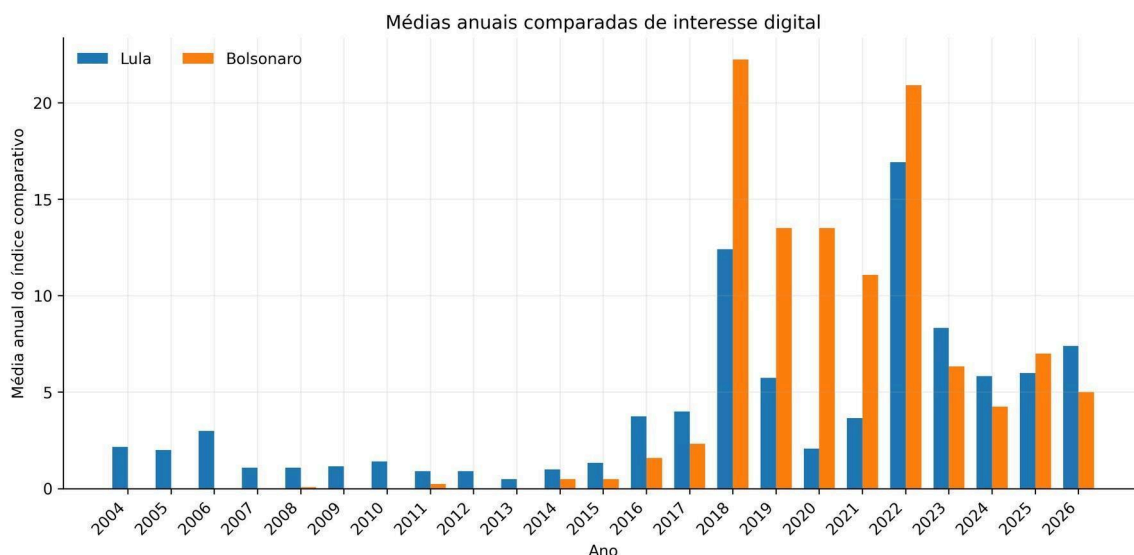


Fonte: Autor (2026)

A Figura 2 transforma a comparação em medida de assimetria relativa. Valores positivos indicam predominância proporcional de Lula; valores negativos, predominância bolsonarista. A virada de 2018 aparece como captura concentrada da atenção, vinculada à campanha presidencial, ao atentado sofrido pelo candidato, à comunicação digital e à conversão da eleição em plebiscito moral sobre corrupção, segurança, costumes e antipetismo. Em 2022, os dois nomes funcionam simultaneamente como arquivos móveis de medo, memória, esperança e defesa moral do próprio campo.

A Figura 3 reduz a interferência de episódios breves e evidencia regimes anuais mais persistentes.

Figura 3 - Médias anuais comparadas dos índices de interesse



Fonte: Autor (2026)

O predomínio médio de Lula entre 2004 e 2017 acompanha sua centralidade como presidente, ex-presidente e alvo progressivo de judicialização.

A mudança de patamar em 2018 indica que o bolsonarismo inaugurou um regime de atenção estendido ao governo, pandemia, conflitos institucionais e eleição de 2022.

O retorno de Lula ao Executivo, em 2022, desloca parte da atenção para o polo lulista, mas Bolsonaro permanece como memória oposicionista ativa.

Ecologias semânticas de busca

As consultas relacionadas mostram que a disputa entre Lula e Bolsonaro não se resume à intensidade relativa das curvas. Ela envolve vocabulários diferentes de busca. Na base taxonomizada, foram examinados 4.520 registros, sendo 2.400 associados a Lula e 2.120 a Bolsonaro. A categoria mais frequente nos dois casos é identificação básica e busca enciclopédica, com 22,6% dos registros de Lula e 26,7% dos registros de Bolsonaro. Esse resultado é esperado: lideranças personalizadas são procuradas também como objetos elementares de informação, envolvendo idade, biografia, família, cargo, partido, trajetória, nome completo e eventos recentes.

As diferenças substantivas aparecem nas proporções relativas. Lula apresenta maior peso em campanha e competição eleitoral, governo e políticas públicas, memória política, justiça e moralização penal, identificação positiva e família ou círculo próximo. Essas categorias representam, respectivamente, 16,7%, 12,1%, 2,0%, 12,9%, 4,3% e 9,0% dos registros de Lula. Para Bolsonaro, as mesmas categorias representam 8,7%, 5,7%, 0,4%, 8,8%, 1,8% e 6,7%. O desenho é coerente com uma figura atravessada por governo, sucessão, crise partidária, prisão, retorno eleitoral e reocupação institucional da Presidência.

Bolsonaro apresenta maior peso relativo em democracia, autoritarismo, golpe e instituições, comunicação política, religião, moralidade e guerra cultural, além de polarização negativa. Democracia e instituições, comunicação política, guerra cultural e polarização negativa representam, respectivamente, 11,4%, 17,1%, 2,0% e 1,8% dos registros bolsonaristas, contra 1,9%, 9,4%, 0,4% e 0,0% no caso de Lula. A ausência de registros de Lula em polarização negativa explícita não indica ausência de rejeição ao petista. Decorre do critério de codificação: termos hostis associados a Lula, quando organizados pela gramática penal da corrupção, prisão, STF, Moro ou Lava Jato, foram classificados como justiça e moralização penal.

A divergência entre *Top* e *Rising* separa vocabulários sedimentados de vocabulários emergentes. Em anos de choque, consultas *Rising* registram deslocamentos bruscos de enquadramento, enquanto consultas *Top* preservam a gramática recorrente. Lula é reativado por judicialização, campanha, memória de governo e identificação afetiva; Bolsonaro, por comunicação direta, crise institucional, família política, guerra cultural e judicialização recente.

Essa diferença sustenta a tese de dois regimes de atenção: um regime lulista de memória governamental longa e judicialização do retorno; um regime bolsonarista de emergência comunicacional, conflito institucional e antagonismo moral.

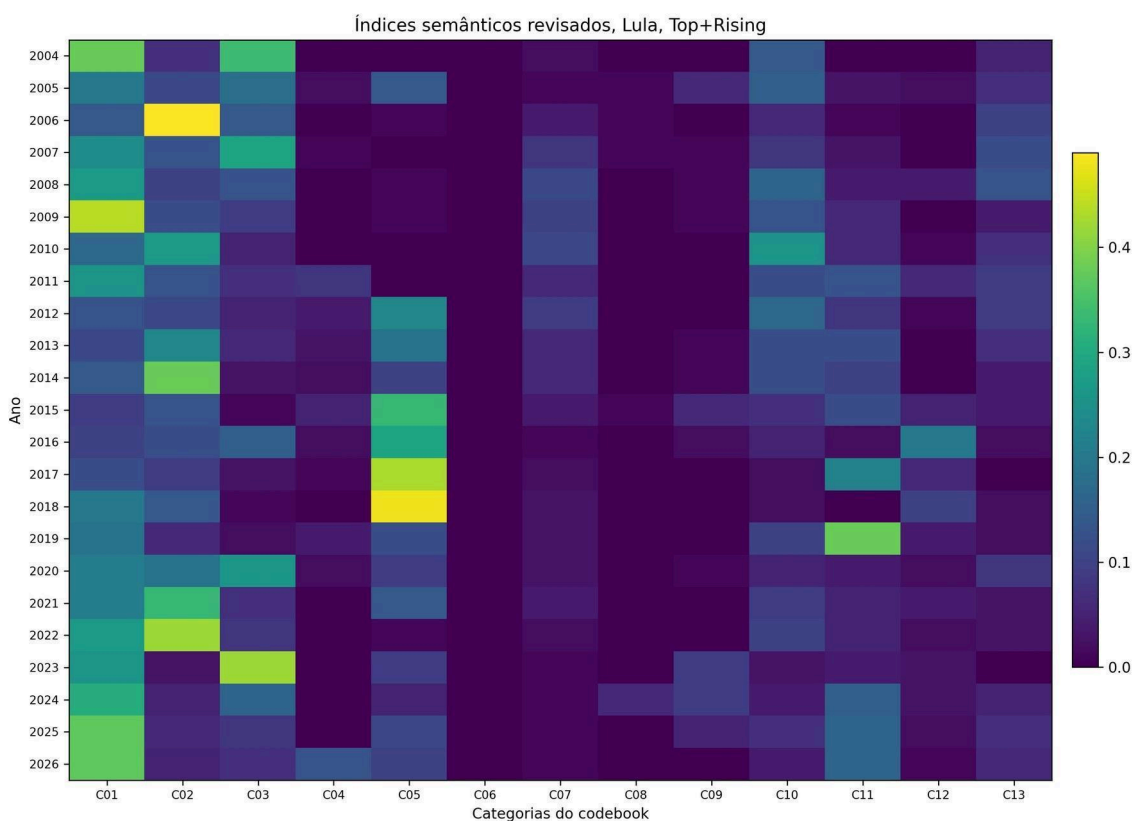
Tabela 1 - Distribuição revisada das categorias semânticas por liderança

Categoria	Lula %	Bolsonaro %	Leitura substantiva
C01 Identificação básica	22,6	26,7	Personalização biográfica e busca enciclopédica
C02 Campanha e competição	16,7	8,7	Maior peso eleitoral relativo em Lula
C03 Governo e políticas públicas	12,1	5,7	Memória governamental mais saliente em Lula
C04 Memória e legado	2,0	0,4	Legado e retorno mais concentrados em Lula
C05 Justiça e moralização penal	12,9	8,8	Judicialização forte nos dois casos, maior em Lula
C06 Polarização negativa	0,0	1,8	Hostilidade personalista explícita em Bolsonaro
C07 Identificação positiva	4,3	1,8	Slogans e adesão afetiva mais recorrentes em Lula
C08 Guerra cultural	0,4	2,0	Moralidade pública e costumes mais associados a Bolsonaro
C09 Democracia e instituições	1,9	11,4	Crise institucional muito mais saliente em Bolsonaro
C10 Comunicação política	9,4	17,1	Redes, <i>lives</i> e performances mais fortes em Bolsonaro
C11 Família e círculo próximo	9,0	6,7	Personalização familiar relevante nos dois casos
C12 Metabusca jornalística	3,4	2,7	Atualização informacional imediata
C13 Ruído semântico	5,4	6,3	Ambiguidade remanescente após revisão

Fonte: Autor (2026)

A Tabela 1 transforma a análise de busca em análise de ecologia semântica. Sem a taxonomização, o estudo permaneceria restrito ao desenho das curvas. Com ela, torna-se possível observar de que matéria simbólica a atenção pública é composta. O *codebook* não reconstrói intenções subjetivas individuais nem decide se quem buscou determinado termo apoiava ou rejeitava a liderança pesquisada. Sua função é mais defensável: classificar repertórios agregados de consulta em categorias substantivas que dialogam com jornalismo político, memória pública, personalização, moralização penal, guerra cultural e conflito institucional.

Figura 4 - Heatmap dos índices semânticos revisados para Lula

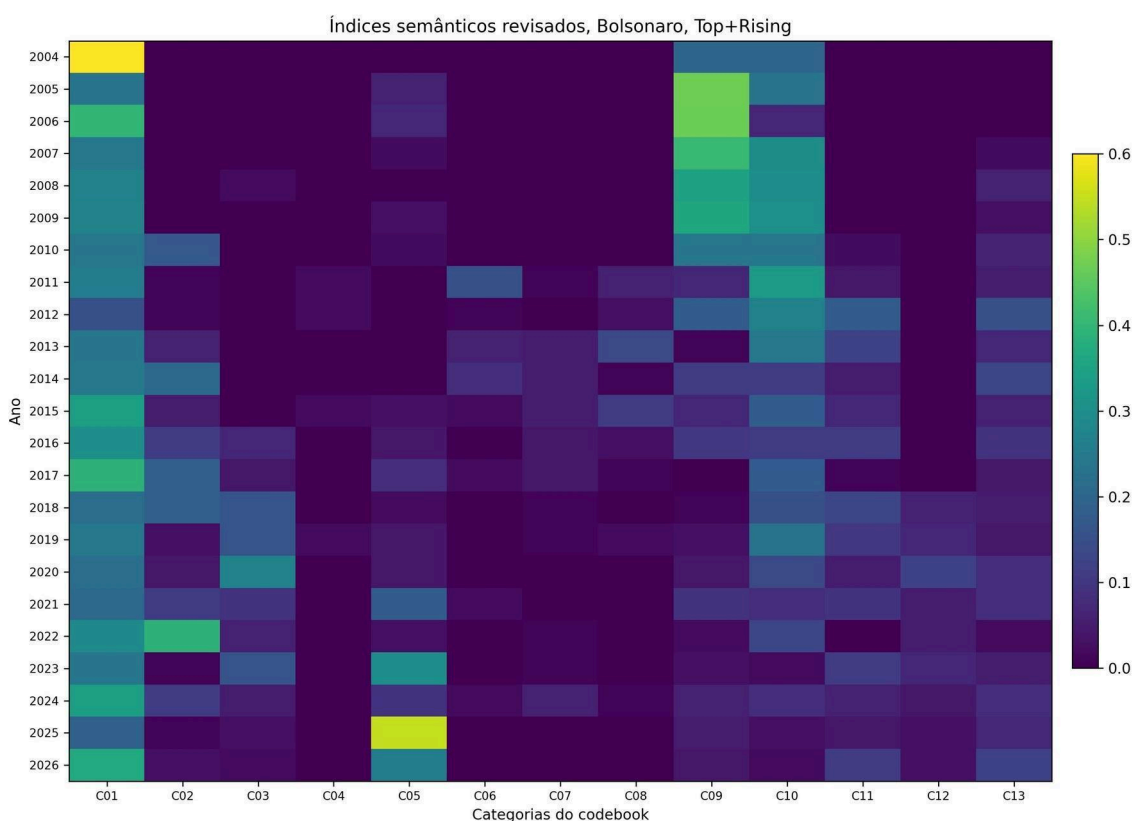


Fonte: Autor (2026)

A Figura 4 detalha a composição anual da atenção associada a Lula. O padrão sugere ecologia de busca atravessada por governo, memória, judicialização e retorno. Nos anos iniciais, governo e políticas públicas acompanham a centralidade presidencial e a institucionalização do lulismo como experiência de inclusão social.

A partir de 2015 e 2016, a série semântica se desloca para crise do petismo, Lava Jato, condução coercitiva e moralização penal. Em 2018, a prisão de Lula em Curitiba reorganizou a atenção em torno de justiça, legitimidade e candidatura interdita. Em 2022, a ecologia se reabre sob o signo do retorno, com eleição, memória dos governos anteriores e confronto direto com Bolsonaro.

Figura 5 - Heatmap dos índices semânticos revisados para Bolsonaro



Fonte: Autor (2026)

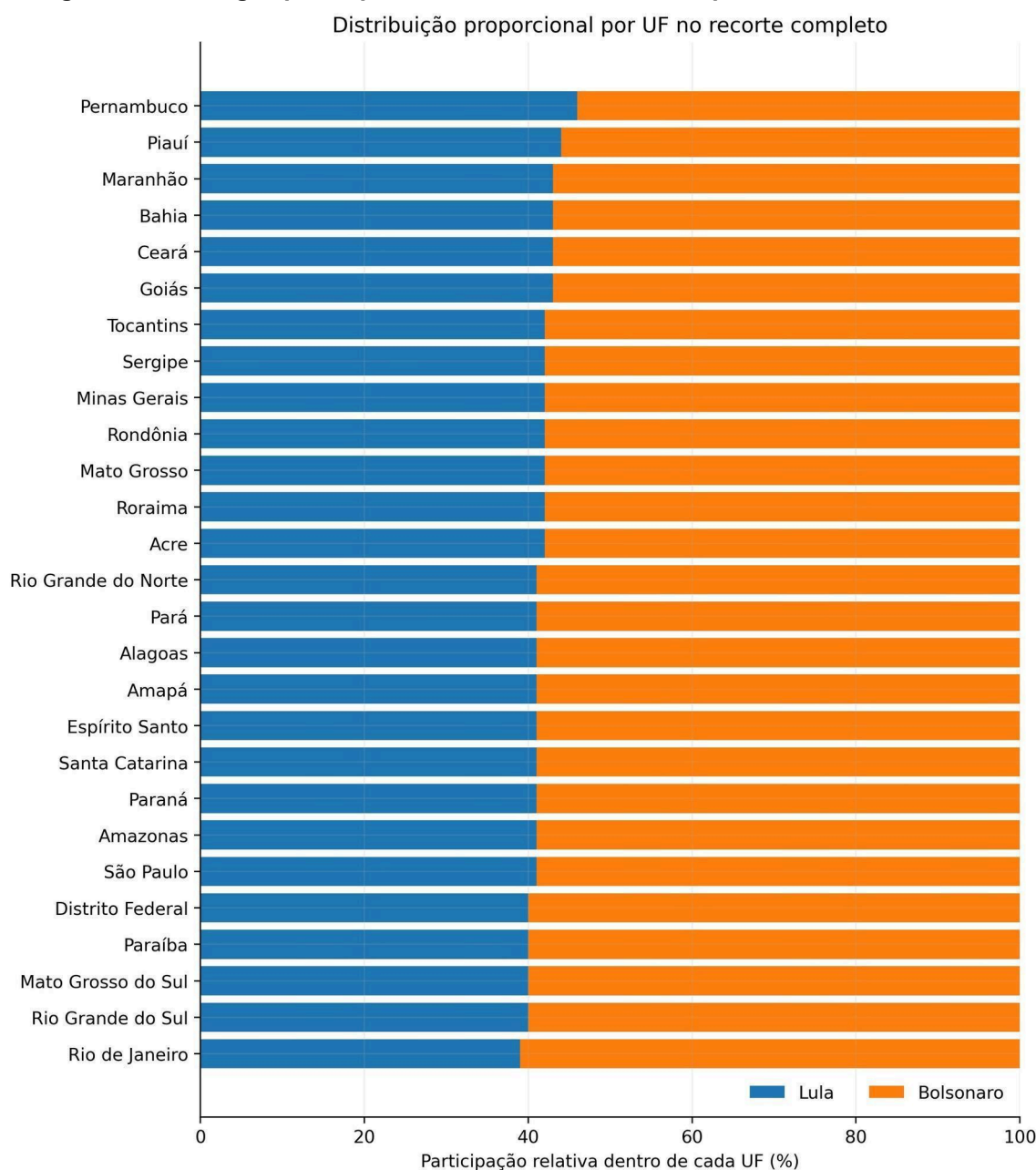
A Figura 5 revela morfologia distinta para Bolsonaro. Sua ecologia semântica se forma tardiamente, mas com intensidade em campanha, comunicação direta, moralidade conservadora, crise democrática e antagonismo institucional. A ascensão de 2018 combina busca eleitoral, curiosidade biográfica, vídeos, redes sociais e enquadramentos antissistema. Em 2020, a pandemia amplia a atenção em torno de gestão pública, controvérsias sanitárias, pronunciamentos e conflitos entre autoridade presidencial, ciência, imprensa e instituições. Depois de 2022, a atenção se desloca para derrota eleitoral, contestação, 8 de janeiro, inelegibilidade e investigações.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.13, n. 1, e26829, p.1-22, 2026.
DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.26829.

Territorialidade da atenção digital

A camada espacial acrescenta evidência importante, embora restrita. O mapa por unidade federativa não informa volume absoluto de buscas; informa a distribuição proporcional de interesse entre Lula e Bolsonaro dentro de cada território (Figura 6).

Figura 6 - Ranking espacial por unidade federativa na comparação direta, 2004-2026



Fonte: Autor (2026)

No período completo, Bolsonaro aparece proporcionalmente à frente em todos os estados, resultado influenciado pelo peso dos picos de 2018, 2020 e 2022 na normalização comparativa. A informação parece contraintuitiva apenas se for confundida com voto ou apoio. Como medida de saliência, ela indica outra coisa: a intensidade relativa com que cada nome ocupou a busca pública dentro de cada UF.

Lula fica proporcionalmente menos distante em Pernambuco (PE), Piauí (PI), Maranhão (MA), Ceará (CE), Bahia (BA) e Goiás (GO), sugerindo maior densidade relativa de memória lulista em parte do Nordeste e um caso menos intuitivo no Centro-Oeste. Rio de Janeiro (RJ), Distrito Federal (DF), Mato Grosso do Sul (MS), Paraíba (PB) e Rio Grande do Sul (RS) concentram a maior vantagem proporcional para Bolsonaro. As diferenças podem ser mediadas por histórias regionais, ecossistemas de mídia, redes religiosas, vínculos biográficos e padrões locais de circulação política.

O padrão deve ser lido como geografia da saliência digital, não como mapa eleitoral. O RJ tem papel biográfico e midiático na trajetória bolsonarista; o DF amplifica crises de Estado; o Nordeste conserva densidade de memória lulista associada a políticas sociais e identificação histórica. A busca revela distribuição proporcional de interesse, não preferência política. Essa advertência é central para evitar a tentação cartográfica mais perigosa do estudo: transformar uma proporção de busca em voto disfarçado.

A Figura 6 exige prudência maior do que as séries temporais. O *Google Trends* não informa quantas buscas ocorreram em cada unidade federativa, nem permite inferir apoio eleitoral. O mapa mostra apenas a proporção relativa de interesse entre dois assuntos dentro de cada território. Sua utilidade está em indicar que a disputa de memória política personalizada também possui territorialidade informacional.

Discussão: jornalismo, busca e conflito democrático

Os resultados sustentam a existência de regimes concorrentes de atenção pública. O primeiro, associado a Lula, tem profundidade histórica e forte capacidade de reativação. A liderança atravessa governo, legado, campanha, prisão, retorno e nova posse. A ecologia semântica lulista preserva relação persistente com memória governamental e políticas públicas, mas também com judicialização e disputa moral. Lula é buscado como passado que retorna, experiência governamental reavaliada, controvérsia penal e promessa de recomposição social.

No plano jornalístico, essa morfologia dialoga com coberturas de longa duração, nas quais escândalo, biografia pública e disputa eleitoral se acumulam em camadas de memória.

O segundo regime, associado a Bolsonaro, tem emergência mais abrupta e intensidade comunicacional mais aguda. O pico de 2018 marca a conversão de um deputado de longa trajetória parlamentar em liderança nacional capaz de absorver antipetismo, demanda por ordem, crítica ao sistema político, moralidade conservadora e performance digital. Cesarino (2020) analisa essa ascensão como populismo digital; Recuero (2021) examina a circulação de desinformação política ligada ao antipetismo; Dourado e Salgado (2021) investigam *fake news* sobre Lula no contexto pré-eleitoral de 2018. Camargo e Ito (2025), em estudo sobre Pablo Marçal, indicam mecanismo comunicacional próximo: discurso religioso, ataque à mídia, uso intensivo de redes e engajamento algorítmico como repertório de mobilização política.

A divergência semântica impede uma leitura plana da polarização. Lula e Bolsonaro são comparáveis como objetos de busca, mas não produzem o mesmo tipo de atenção. O lulismo aparece como memória governamental que retorna sob pressão judicial e eleitoral. O bolsonarismo aparece como mobilização comunicacional de conflito, articulada a moralidade, instituições, redes e identidade negativa. A série comparativa mostra quando um nome predominou sobre o outro; a taxonomização mostra que essa predominância nunca foi apenas quantitativa. Cada liderança ativou vocabulários próprios de passado, crise, expectativa e ameaça.

A categoria justiça e moralização penal atravessa os dois casos em momentos diferentes. Em Lula, organiza 2016, 2017 e 2018, articulando Lava Jato, prisão, STF, Moro e disputa de legitimidade. Em Bolsonaro, ganha força em 2023, 2025 e 2026, associada a investigações, inelegibilidade, julgamentos e reconfiguração da direita. O deslocamento sugere inversão parcial da gramática punitiva no ecossistema informativo: a esfera digital que antes absorvia Lula como objeto de suspeita, condenação e martírio passa a absorver Bolsonaro como objeto de inquérito, responsabilização e disputa institucional. A inversão não equaliza os eventos; mostra ciclos de acusação, revanche simbólica e cobertura judicializada da política.

O uso de dados de busca em estudos de jornalismo exige uma ética interpretativa severa. O *Google Trends* registra rastros agregados, mas processados por plataforma proprietária.

A pesquisa observa padrões de atenção sem converter normalização algorítmica em opinião pública. O desafio aproxima-se das preocupações de Bronosky *et al.* (2025): construir instrumentos capazes de mapear circulação, saliência e conflito sem reduzir disputas informacionais a indicadores simplistas. A fonte é valiosa justamente quando seu alcance é limitado com precisão.

A consequência teórica para o jornalismo é direta. A busca não substitui a notícia, mas revela parte de sua vida pública posterior. Entre uma reportagem, uma fala presidencial, uma acusação viral e a consulta no *Google*, há uma cadeia de mediações na qual redações competem com influenciadores, campanhas, militâncias e algoritmos. Lula e Bolsonaro funcionam, nesse circuito, como interfaces entre acontecimento jornalístico, memória pública e conflito político. A atenção digital não é o fim da mediação jornalística; é uma de suas zonas de prova, perda de controle e recomposição.

Considerações finais

O artigo analisou o interesse digital brasileiro por Lula e Bolsonaro entre 2004 e 2026, combinando série comparativa direta, séries separadas, consultas relacionadas, taxonomização semântica, índices compostos e análise espacial por unidade federativa. O objetivo foi compreender buscas como rastros de saliência pública em ecossistema informativo, e não como voto, aprovação, rejeição ou opinião individual. Esse enquadramento permite aproximar o *Google Trends* dos estudos de jornalismo sem transformá-lo em substituto de pesquisa de recepção, análise de conteúdo, enquadramento jornalístico ou *survey* político.

O resultado central pode ser formulado de modo seco: Lula e Bolsonaro não são apenas dois nomes muito buscados; são dois modos de organizar a atenção pública. Lula apresenta profundidade histórica, predominando em boa parte dos meses entre 2004 e 2017 e retornando à frente em 2023, 2024 e no início parcial de 2026. Bolsonaro emerge de modo abrupto a partir de 2018 e domina o ciclo 2018-2022. As ecologias semânticas confirmam a diferença: governo, memória, campanha e judicialização do retorno no caso Lula; comunicação política, guerra cultural, crise democrática e antagonismo institucional no caso Bolsonaro.

As limitações definem o alcance do achado. O *Google Trends* não oferece volumes absolutos, não revela motivações individuais, não separa apoio de rejeição e depende de normalizações proprietárias.

A classificação semântica das consultas, embora regulada por *codebook*, dupla passagem e trilha de auditoria, foi conduzida por um único pesquisador e não dispõe de medida independente de concordância inter-codificador. O ano de 2026 é parcial; a análise espacial por UF expressa proporção relativa, não densidade eleitoral. Essas restrições situam a fonte no plano em que ela pode falar com maior segurança: saliência, ativação pública e ecologia de busca.

A agenda futura pode cruzar picos de busca com bases de cobertura jornalística, comparar lideranças brasileiras com casos latino-americanos e integrar *Google Trends* a redes sociais, *surveys* e análise automatizada de notícias. O achado permanece: nomes próprios se tornaram infraestruturas simbólicas da disputa pública brasileira, portas de entrada para a busca social por sentido em uma democracia atravessada por hiperpersonalização do conflito.

Referências

ALMEIDA, R. D. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>.

AVRITZER, L. **O pêndulo da democracia**. São Paulo: Todavia, 2019.

BORGES, A.; VIDIGAL, R. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-89, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0191201824153>.

BRONOSKY, M.; CRISSI, A. C. L.; GADINI, S. L.; ANJOS, M. M. P. D. Desafios metodológicos na pesquisa sobre desinformação em jornalismo e política: proposta para monitorar estratégias desinformativas em debates eleitorais. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, e25058, p. 1-12, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.12.25058>.

CAMARGO, A. C.; ITO, L. D. L. O candidato coach: estratégias discursivas de Pablo Marçal nas eleições municipais de 2024. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, e25210, p. 1-17, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.12.25210>.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.13, n. 1, e26829, p.1-22, 2026.
DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.26829.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020.

CHADWICK, A. **The hybrid media system: politics and power**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2017.

CRUZ, A. C. S. Operação Lava Jato e Lula: enquadramento e memória na Folha de S. Paulo. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 10, e121442, p. 283-303, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.10.21729>.

DOURADO, T.; SALGADO, S. Disinformation in the Brazilian pre-election context: probing the content, spread and implications of fake news about Lula da Silva. **The Communication Review**, v. 24, n. 4, p. 297-322, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/10714421.2021.1987369>.

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 560-593, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283560>.

GOOGLE. **Google Trends: assunto “Jair Bolsonaro”**. Brasil, pesquisa na Web, séries completas e anuais, consultas Top e Rising, 2004-2026. Exportação em: 22 maio 2026. Disponível em: <https://trends.google.com/trends/>. Acesso em: 22 maio 2026.

GOOGLE. **Google Trends: assunto “Luiz Inácio Lula da Silva”**. Brasil, pesquisa na Web, séries completas e anuais, consultas Top e Rising, 2004-2026. Exportação em: 22 maio 2026. Disponível em: <https://trends.google.com/trends/>. Acesso em: 22 maio 2026.

GOOGLE. **Google Trends: comparação entre os assuntos “Luiz Inácio Lula da Silva” e “Jair Bolsonaro”**. Brasil, pesquisa na Web, série temporal e distribuição por unidade federativa, 2004-2026. Exportação em: 22 maio 2026. Disponível em: <https://trends.google.com/trends/>. Acesso em: 22 maio 2026.

HÖLZL, J.; KEUSCH, F.; SAJONS, C. The (mis)use of Google Trends data in the social sciences: a systematic review, critique, and recommendations. **Social Science Research**, v. 126, 103096, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2024.103096>.

IYENGAR, S.; LELKES, Y.; LEVENDUSKY, M.; MALHOTRA, N.; WESTWOOD, S. J. The origins and consequences of affective polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, v. 22, p. 129-146, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051117-073034>.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.13, n. 1, e26829, p.1-22, 2026. DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.26829.

LACLAU, E. **A razão populista**. Rio de Janeiro: Três Estrelas, 2013.

MASON, L. **Uncivil agreement: how politics became our identity**. Chicago: University of Chicago Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226524689.001.0001>.

MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972. DOI: <https://doi.org/10.1086/267990>.

MELLON, J. Where and when can we use Google Trends to measure issue salience? **PS: Political Science & Politics**, v. 46, n. 2, p. 280-290, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1049096513000279>.

MORAES, T. P. B. D. **Dados suplementares Lula-Bolsonaro Google Trends: séries, consultas relacionadas, taxonomização, índices e figuras**. Curitiba: autor, 2026. Conjunto de dados em arquivo XLSX.

OLIVEIRA, F. M. Da crise à mediação qualificada: apontamentos a partir da #VazaJato como ciberacontecimento jornalístico. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 8, e2119665, p. 1-19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.8.19665>.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. **Populism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

PONTES, F. S. Epistemologia e Jornalismo: revisão bibliométrica de artigos (1998-2022). **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 77-96, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.11.23334>.

RECUERO, R. A circulação de desinformação política no Twitter: o caso do antipetismo. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202151121>.

RIPBERGER, J. T. Capturing curiosity: using Internet search trends to measure public attentiveness. **Policy Studies Journal**, v. 39, n. 2, p. 239-259, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1541-0072.2011.00406.x>.

ROGERS, R. **Digital methods**. Cambridge: MIT Press, 2013.

SAMUELS, D. J.; ZUCCO, C. **Partisans, antipartisans, and nonpartisans: voting behavior in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.13, n. 1, e26829, p.1-22, 2026. DOI: [10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.26829](https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.26829).

SCHARKOW, M.; VOGELGESANG, J. Measuring the public agenda using search engine queries. **International Journal of Public Opinion Research**, v. 23, n. 1, p. 104-113, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1093/ijpor/edq048>.

SINGER, A. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora UnB, 1999.

Submissão: 28 mai. 2026

Aceite: 03 jul. 2026